



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Jean Racine
Fedra



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Fedra

Jean Racine

Tradução

Sebastião Francisco de Mendo Trigoso

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Editado a partir da edição de "Ridendo Castigat Mores" e versão de "eBooksBrasil.org".

Livro Digital nº 536 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

Jean Baptiste Racine

(1639 - 1699)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

FEDRA



ATORES:

TESEU (filho de Egeu, rei de Atenas)

FEDRA (mulher de Teseu, filha de Mimos e de Pasifa)

HIPÓLITO (filho de Teseu, e de Antíope, rainha das Amazonas)

ARÍCIA (princesa do sangue real de Atenas)

ENONE (ama e confidente de Fedra)

TERAMENE (aio de Hipólito)

ISMENE (confidente de Arícia)

PANOPE (mulher do acompanhamento de Fedra)

GUARDAS

A cena é em Trezene, cidade do Peloponeso.

ATO I

CENA I

Hipólito, Teramene.

HIPÓLITO

Resolvi, caro Teramene, eu parto,
Deixo a grata morada de Trezene.
Na mortal incerteza, que me agita,
Começo do ócio meu a envergonhar-me:
Separado de um pai mais de seis meses,
Ignoro o seu destino; e mesmo ignoro
Que lugares me podem ter oculto.

TERAMENE

Em que lugares pois ides buscá-lo?
Já por satisfazer vossos temores,

Corri os mares que Corinto corta.
Pedi Teseu aos povos dessas margens
Onde entre os mortos vai perder-se o Aqueronte.
A Élide passei, deixando o Ténaro,
Cheguei ao mar que viu de Ícaro a queda.
Fundado em nova esperança, em que outros climas
Credes pois descobrir os seus vestígios?
Quem sabe mesmo se da sua ausência
O mistério Teseu quer ter oculto?
E se, enquanto trememos por seus dias,
Tranquilo, e recatando amores novos,
O herói espera que abusada amante...

HIPÓLITO

Teramene! não mais, Teseu respeita.
Dos erros juvenis arrependido,
Não lhe fazem estorvo indignos laços;
E fixando a inconstância de seus votos,
Há muito que rival Fedra não teme.
Enfim cumpro um dever indo buscá-lo,
Fujo lugares, que mais ver não ousou.

TERAMENE

Ah! dê quando, Senhor, temeis a vista
Duma terra tão cara à vossa infância,
E cuja habitação tanto antepúnheis
Ao tumulto de Atenas e da corte?
Que perigo, ou pena dela vos expulsa?

HIPÓLITO

Esse tempo feliz já não existe.
Tudo a face mudou, desde que a filha
De Minos e Pasifa os céus nos deram.

TERAMENE

Entendo: a causa sei de vossas mágoas.
Fedra não vos apraz, não podeis vê-la.

Cruel madrasta, apenas vos conhece,
Que emprega o valimento em desterrar-vos;
Porém esse ódio, que vos tinha outrora,
Diminuiu, ou se apagou de todo.
E que perigos enfim pode buscar-vos
Moribunda mulher, que a morte chama?
De ocultos males Fedra lacerada,
Pesando a si, e a vida aborrecendo,
Pode ela contra vós formar desígnios?

HIPÓLITO

A sua inimizade vã não temo.
Ausentando-me, fujo outra inimiga.
Fujo, eu te confesso, Arícia, resto
Dum fatal sangue contra nós jurado.

TERAMENE

Quê! persegui-la-eis, senhor, vós mesmo?
A sobrinha de Egeu jamais manchou-se
Dos pérfidos irmãos nas negras tramas?
Podeis nela odiar singelas graças?

HIPÓLITO

Se acaso a aborrecesse, eu não fugira.

TERAMENE

Permiti-me que explique a vossa fuga?
Já não séreis o soberbo Hipólito,
De amor duro inimigo, e desse jugo
Que Teseu tem sofrido tantas vezes?
Queria por fim justificá-lo
Vênus, por vosso orgulho desprezada?
Pondo-vos ao nível com os outros homens,
Forçou-vos a incensar as suas aras?
Amaríeis, senhor?

HIPÓLITO

Que ousas dizer-me?
Tu, que dês que eu respiro me conheces,
Podes querer que eu desminta os sentimentos
Dum coração altivo, e desdenhoso?
Pouco era que em seu leite uma amazona
Mãe, me desse a beber tão raro orgulho;
Tendo chegado a mais maduros anos,
Apenas tal me vi, dele me aplaudo.
A mim ligado por sincero zelo,
Tu me contavas de meu pai a história.
Sabes quanto minha alma, sempre atenta,
Se dilatava ouvindo seus triunfos;
Quando pintavas este herói intrépido,
Consolando os mortais da ausência de Hércules,
Sufocados os monstros, e os malvados,
Procrusto, Cercião, Círon, Sinis,
Do epidáurio gigante ossos dispersos,
Do minotauro o sangue inda fumante.
Mas se empresas narravas menos belas,
Sua fé em sítios mil dada, e aceita;
Roubada a seus pais Helena em Esparta;
Peribeia chorando em Salamina;
Mil outras, cujos nomes lhe esqueceram,
Crédulas, que enganou com seus amores;
Contando às rochas crimes seus Ariadne;
Fedra roubada com melhor auspício;
Lembrar-te-ás que escutando-te com custo,
A parar muitas vezes te obrigava.
Feliz eu, se apagasse da lembrança
Essa indigna porção da ilustre história!
E eu mesmo, à minha vez, ver-me-ia preso!
Até tal ponto hão de humilhar-me os deuses!
Tanto, mais que Teseu, me envilecera,
Quantas são as proezas que o desculpam,
E que inda monstro algum por mim domado
O direito me dá de errar como ele?
Mas quando esta altivez possa abrandar-se,

Escolheria Arícia pra vencê-la?
À minha razão louca não lembrara
O que nos separou obstáculo eterno?
Reprova-a meu pai; por leis severas
Dar sucessão a seus irmãos proíbe.
Teme a vergôntea de um culpado tronco;
Com sua irmã quer sepultar seu nome;
E que em sua tutela, até que morra,
Não se lhe acendam de Himeneu os fachos.
Contra um irado pai devo ampará-la?
Devo dar este exemplo temerário?
Sujeito a louco amor em tenros anos...

TERAMENE

Ah senhor! uma vez chegado o instante,
Não se informam os céus das razões nossas.
Teseu, querendo-os fechar, vos abre os olhos;
Nutrindo o ódio seu chama rebelde,
Dá à sua inimiga encantos novos.
Enfim, dum casto amor pra que aterrar-vos?
Pra que vos esquivais, se tem doçuras?
Sempre creeis terríficos escrúpulos?
Temeis não acertar seguindo a Hércules?
Que peitos varonis não domou Vênus?
Vós, que ousais combatê-la, existiríeis,
Se Antíope rebelde a seus ditames,
Por Teseu em amor não se abrasasse?
Mas que serve afetar grãos sentimentos?
Confessai, tudo muda, há vários dias
Que menos vezes orgulhoso, e agreste
Fazeis voar o carro sobre a área,
Ou, perito nas artes de Netuno,
Dócil tornais indômito ginete.
Fazemos menos retumbar os bosques.
Secreto fogo vos oprime os olhos.
Já não duvido: amais, ardeis de amores;
Dissimulado mal vos vai finando.

Soube agradar-vos a formosa Arícia?

HIPÓLITO

Vou procurar meu pai, deixa que parta.

TERAMENE

Mas antes de partir, não vereis Fedra?

HIPÓLITO

Fazê-lo intento, podes preveni-la.

Pois me manda o dever, cumpre falar-lhe.

Porém que novo mal turba sua ama?

CENA II

Hipólito, Enone, Teramene.

ENONE

Ah! que aflição, senhor, iguala a minha?

Quase toca a rainha o fatal termo.

Passo em vão dia e noite a vigiá-la,

Dum mal, que oculta, morre entre meus braços.

Reina eterna desordem em seus sentidos.

Frenético pesar do leito a arranca.

Quer ver o dia; e sua dor profunda

Me manda, diga a todos se retirem...

Ela chega.

HIPÓLITO

Isto basta; só a deixo;

Dum aspecto odioso vou livrá-la.

CENA III

Fedra, Enone.

FEDRA

Não vamos mais avante, Enone cara;
Paremos. Mais não posso; eu desfaleço.
A luz que torno a ver me fere os olhos;
E meus joelhos trêmulos me faltam.
Ah!...

ENONE

Nosso pranto vos aplaque, oh numes!

FEDRA

Estes ornatos vão quanto me pesam!
E que importuna mão, com tantos laços,
Me enastrou os cabelos sobre a frente?
Tudo me aflige, e contra mim conspira.

ENONE

Seus desejos destroem-se uns aos outros!
Loucos projetos condenando há pouco,
Vós mesma instáveis para vos ornarmos;
E tornando outra vez à força antiga,
Queríeis mostrar-vos, e gozar do dia.
Vós o vedes, senhora, e a fugir pronta,
Aborreceis o mesmo que buscáveis!

FEDRA

Brilhante autor duma família triste,
Que minha mãe ufana pai chamava,
Que talvez te envergonhas de assim ver-me,
Sol! pela última vez venho buscar-te!

ENONE

Quê! não perdeis tão bárbaro desejo?
Ver-vos-ei sempre, desprezando a vida,
Fazer da vossa morte exéquias tristes?

FEDRA

Ah! que não estou sentada entre as florestas?

Quando, através do pó, poderei com a vista
Seguir um carro, que no estádio voa?

ENONE

Quê!

FEDRA

Louca, aonde estou? que tenho eu dito?
Onde vão votos meus, a razão minha?
Eu a perdi. Os deuses me roubaram.
Cobre-me as faces, oh Enone, o pejo.
Minha dor vergonhosa tens patente;
Arrasam-se-me, a meu pesar, os olhos.

ENONE

Envergonhai-vos antes dum silêncio,
Que exaspera do vosso mal a força.
Surda às vozes, rebelde a meus cuidados,
Quereis deixar-vos morrer tão duramente?
Que furor corta vossa vida em meio?
Que encanto, ou que veneno vem murchá-la?
O céu de sombras se cobriu três vezes,
Dês que não vos fechou o sono os olhos;
E o dia a noite afugentou três vezes,
Dês que jaz sem sustento o vosso corpo.
Que horroroso desígnio vos ocupa?
Com que jus atentais contra vós mesma?
Ofendeis numes, que vos deram vida;
Trais o esposo, a que a fé vos une;
Trais enfim os filhos desgraçados,
Que ides precipitar num cativoiro.
Pensai que o dia que lhe roubar Fedra,
Dará esperanças da estrangeira ao filho,
Fero inimigo de vós, de vosso sangue,
Esse a quem deu o ser uma amazona,
Esse Hipólito...

FEDRA
Oh céus!

ENONE
Enternecei-vos?

FEDRA
Desgraçada! que nome proferiste!

ENONE
Com razão vossa cólera se exalta;
Apraz-me ver-vos odiar seu nome.
Vivei; amor, dever assim o ordenam;
Sim, não sofraís que o filho duma cita,
Os vossos oprimindo, impere odioso
No da Grécia, e dos deuses melhor sangue.
Mas qualquer dilação dá-vos a morte.
Recuperai as abatidas forças;
Da vida enquanto o quase extinto lume
Se conserva, e tomar alento pode.

FEDRA
Sobeja duração lhe tenho eu dado.

ENONE
Quê! que remorsos vêm dilacerar-vos?
Que crime pode perturbar-vos tanto?
Vossas mãos não manchou sangue inocente.

FEDRA
Graças aos céus! não são as mãos culpadas.
Como elas fosse o coração sem mancha!

ENONE
Que atroz projeto pois urdir pudestes,
Que o vosso coração aterrar deva?

FEDRA

Bastante disse já; poupa-me o resto.
Tão triste confissão morrendo evito.

ENONE

Morrei pois, e guardai cruel silêncio.
Mas buscai outrem, que vos feche os olhos.
Posto vos reste para viver já pouco,
Minha alma aos mortos descera primeiro;
Caminhos mil ali sempre conduzem,
Justa dor escolher há de os mais curtos.
Cruel! a minha fé é-vos suspeita?
Não pensais, que nascestes nos meus braços?
Pátria e filhos por vós tenho deixado.
Guardáveis esta paga a meus serviços?

FEDRA

De violência tal que fruto esperas?
Tu tremerás de horror, se acaso falo.

ENONE

Que me direis, oh numes! que não ceda
Ao horror de vos ver dar-vos a morte?

FEDRA

Meu crime ouvindo, e a sorte que me arrasta,
Morro igualmente; e morro mais culpada.

ENONE

Senhora, pelas lágrimas que choro,
Pelos joelhos trêmulos, que abraço,
Livrai-me desta dúvida funesta.

FEDRA

Tu o queres. Levanta-te.

ENONE

Eu te escuto.

FEDRA

Por onde começar? que vou dizer-lhe?

ENONE

Cessai de me ofender com vãos temores.

FEDRA

Oh cólera fatal! ódio de Vênus!

Em que abismos amor lançou Pasifa!

ENONE

Tiremo-los, senhora, da memória;

Silêncio eterno tal lembrança oculte.

FEDRA

Minha infeliz irmã! por que amor ferida

Foste a Naxos morrer abandonada?

ENONE

Senhora, que fazeis? que mortal ódio

Contra vossa família hoje vos arma?

FEDRA

Pois que Vênus o quer, da infausta estirpe

Última morrerei, mais desgraçada!

ENONE

Amais vós?

FEDRA

Do amor tenho os furores.

ENONE

Quem?

FEDRA

Vais ouvir o cúmulo de horrores.
Amo... Faz-me tremer o fatal nome.
Amo...

ENONE

A quem?

FEDRA

Tu conheces esse filho
Da amazona, por mim tão perseguido?

ENONE

É Hipólito? oh céus!

FEDRA

Tu o nomeias.

ENONE

Deuses! todo o meu sangue se me gela.
Crime! desesperação! raça odiosa!
Viagem infausta, desgraçadas praias,
E devíamos nós chegar a elas?

FEDRA

Mais antigo é meu mal. De Egeu ao filho
Apenas laços de Himeneu me uniram,
Julguei minha ventura permanente.
Mostrou-me Atenas meu soberbo inimigo.
Vi-o, corei, e desmaiei ao vê-lo.
Minha alma perturbada se confunde.
Os meus olhos não veem, falar não posso;
Traspassar-se, e arder sinto meu peito.
Conheci Vênus, conheci seus fogos,
Tormentos para um sangue que persegue.
Assíduos votos cri mos desviassem;
Um templo edifiquei, com custo ornei-o.

De vítimas cercada eu mesma sempre,
A perdida razão nelas buscava.
Dum cego amor remédios impotentes!
Em vão queimava o incenso sobre as aras.
Quando da deusa implorava o nome,
Hipólito adorava; e vendo-o sempre,
Até junto às aras que por mim fumavam,
Sacrificava a um deus, sem nomeá-lo.
Eu o fugia. Oh cúmulo de miséria!
Nas feições de seu pai via-o sempre.
Enfim contra mim mesmo ousei armar-me;
Meu ânimo incitei a persegui-lo.
Por não ver inimigo idolatrado,
Afetei ódios de madrasta injusta.
Seu desterro apressei; do seio e braços
Paternais o tiraram meus clamores.
Já respirava. Mais serenos dias,
Depois que se ausentou, para mim corriam.
Submissa ao esposo, minha dor vencendo,
Do fatal Hímen cultivava os frutos.
Mas oh vãs precauções! cruel destino!
Pelo mesmo Teseu aqui trazida,
Torno a ver o inimigo que afastara.
A ferida mal fechada sangrou logo.
Já não é fogo oculto em minhas veias;
É toda Vênus aferrada à presa.
Concebi por meu crime um terror justo.
Horrorizou-me meu amor, e a vida.
Quis, morrendo, salvar a minha glória,
Para sempre esconder tão negra chama.
Teu pranto, teus combates me venceram;
Tudo te confessei, não me arrependo;
Se respeitando a morte que se avança,
Não me afligires mais com reprimendas;
Se os socorros baldados teus cessarem
De animar uma luz pronta a apagar-se.

CENA IV

Fedra, Enone, Panope.

PANOPE

Bem quisera ocultar a triste nova,
Porém devo, senhora, revelá-la.
A morte vos roubou o invicto esposo;
E só vós ignorais esta desgraça.

ENONE

O que dizes, Panope?

PANOPE

Que a rainha
Pede em vão de Teseu aos céus a volta;
Que por navios que no porto entraram,
Seu filho acaba de saber tal perda.

FEDRA

Céus!

PANOPE

Na escolha de um rei hesita Atenas;
Uns pelo vosso filho dão seu voto;
E outros, esquecendo as leis do Estado,
Preferir ousam da estrangeira o filho.
Até se diz que no trono intriga infame
Quer pôr Arícia, e o sangue de Palante.
Julguei dever-vos advertir do perigo.
Hipólito a partir está já pronto;
E se aparece no tumulto, temem
Que os votos una do inconstante povo.

ENONE

Basta, Panope. Fedra que te escuta,
Não há de desprezar tão sério aviso.

CENA V
Fedra, Enone.

ENONE

De instar-vos a viver, eu já cessava;
Queria ser-vos na morte companheira;
Para dissuadir-vos voz não tinha:
Mas novos males, novas leis prescrevem.
A fortuna muda e toma outro aspecto.
Morreu, senhora, o rei; seu trono é vosso.
A um filho pertenceis, que ele vos deixa,
Rei, se viverdes; mas morrendo, escravo.
Quem na sua desgraça quereis o apoie?
Não terá mão que as lágrimas lhe enxugue;
E ao céu subindo os gritos inocentes,
Contra a mãe, seus avós hão de irritar-lhe.
Vivei; não tendes de que envergonhar-vos:
Já cessa vosso amor de ser estranho.
Expirando Teseu, quebrou os laços,
Que dele todo o crime e horror faziam.
Hipólito é para vós menos temível,
Sem serdes criminosa podeis vê-lo.
Talvez da aversão vossa convencido,
Ele vai dar à sedição um chefe.
Desenganai-o, moderai seu fogo.
Rei destas terras, é Trezene sua.
Mas sabe que as leis dão a vosso filho
As soberbas muralhas de Minerva.
Uma justa inimiga ambos vós tendes.
Uni-vos ambos para vencer Arícia.

FEDRA

Pois bem: por teus conselhos vou guiar-me.

Vivamos, se puderem dar-me a vida;
Se o amor dum filho, em tão funesto instante,
Puder reanimar meu fraco alento.

ATO II

CENA I

Arícia, Ismene.

ARÍCIA

Quer-me Hipólito ver nestes lugares!
Procura-me, e de mim quer despedir-se!
Dizes verdade, Ismene? Não te enganas?

ISMENE

Da morte de Teseu é isto efeito.
Preparai-vos a ver para vós voarem
Corações, que até agora ele afastava.
De si senhora é finalmente Arícia,
Verá breve a seus pés a Grécia inteira.

ARÍCIA

Não é, Ismene, pois boato incerto?
O inimigo morreu? não sou escrava?

ISMENE

Não, já os deuses não vos são contrários;
Teseu uniu-se aos manes dos Palantes.

ARÍCIA

Dizem que caso terminou seus dias?

ISMENE

Têm-se incríveis rumores espalhado.

Contam que, raptor de amante nova,
Tragara o mar este infiel esposo.
Também se diz, e é mais acreditado,
Que aos infernos descendo e Pirítoo,
Viu o Cocito, e as lôbregas moradas,
E às sombras infernais mostrou-se vivo;
Mas que deste lugar sair não pôde,
Nem repassar as margens que o não sofrem.

ARÍCIA

E hei de eu crer que um mortal enquanto vive
Dos mortos penetrar pode a morada?
Que encanto o conduzia a tais lugares?

ISMENE

Teseu é morto, a dúvida é só vossa;
Geme Atenas, Trezene o tem por certo,
E por seu rei Hipólito conhece.
Fedra, temendo por seu filho, pede
Conselho aos seus amigos perturbados.

ARÍCIA

E crês que mais para mim, que o pai, humano,
Os meus grilhões Hipólito alivie?
E que chore meus males?

ISMENE

Sim, o creio.

ARÍCIA

Conheces bem o Hipólito insensível?
Com que fútil esperança crês me chore,
E em mim respeite um sexo, que desdenha?
Vês há que tempo foge de encontrar-nos,
E procura o lugar em que não estamos.

ISMENE

Sei de sua frieza quanto dizem.
Mas vi junto de vós o altivo Hipólito;
E da sua soberba o brado, vendo-o,
Fez a minha atenção dobrar por ele.
Sua presença não responde à fama.
Vi confundi-lo um vosso volver de olhos.
E vi debalde os seus, querendo fugir-vos,
Não poderem, já lânguidos, deixar-vos.
Nome de amante pode ser o ofenda;
Mas se a frase não tem, tem olhos disso.

ARÍCIA

Quanto meu coração ávido escuta
Teu discurso talvez sem fundamento!
Tu me conheces, e parecer-te-á crível,
Que triste jogo da implacável sorte,
De dor e pranto um coração nutrido,
Conhecer possa amor e seus queixumes?
Sangue de um rei, da terra nobre filho,
Eu só salvei-me do furor da guerra.
Perdi, na flor da sua mocidade,
Seis irmãos... Ah! que esperança à ilustre casa!
Tudo o ferro cortou; úmida a terra
Bebeu com custo o sangue dos sobrinhos
De Eriteu. Sabes bem, que lei severa
Os gregos inibiu de me chorarem.
Temem da irmã que as temerárias chamas
Um dia animem dos irmãos as cinzas.
Sabes também com que desdém olhava
Num suspeito vencedor tal zelo.
Sabes, que oposta a Amor em todo o tempo,
Dava mil graças a Teseu injusto,
Cujo rigor meus votos afoitava.
Não tinham visto o filho inda meus olhos.
Não que, encantada só por eles, ame
Nele a beleza e graça tão louvadas,
Dons com que quis a Natureza honrá-lo,

Que ele despreza, e até parece ignora.
São mais nobres os dotes que amo e busco,
As virtudes do pai, não as fraquezas.
Amo, eu confesso, o generoso orgulho,
Por um amante jugo não domado.
Com o amor de Teseu Fedra se honrava.
Mais soberba, desprezo a fácil glória
De incensos, a mil outras ofertados,
De entrar num coração patente a todas.
Domar porém um ânimo inflexível,
Levar a dor a uma alma que a não sente,
Ter um cativo, atônito dos ferros,
Contra um jugo que apraz em vão rebelde;
Eis meu gosto, só isto me estimula.
Mais vencível era Hércules que Hipólito;
E mais vezes vencido ou arrastado
Deu menos glória aos olhos que o domavam.
Mas, cara Ismene, que imprudência a minha?
Hão de me opor sobeja resistência.
Talvez que, humilde em minha mágoa, me ouças
Gemer do mesmo orgulho que hoje admiro.
Hipólito amará?.... Por que fortuna
Poderia abrandar?..

ISMENE

Ides ouvir-lhe;
Ele chega.

CENA II

Hipólito, Arícia, Ismene.

HIPÓLITO

Senhora, antes que parta,
Cri dever-vos lembrar vosso destino.
Meu pai não vive já. Temor fundado
Me dava a causa de tão longa ausência.

A morte pondo termo a seus triunfos,
Só podia ocultá-lo tanto ao mundo.
Entregaram os céus à fera Parca
O amigo, o sócio, o sucessor de Alcides.
Bem creio, que poupando-lhe as virtudes
Me ouvis, sem desprezar, justos louvores.
Uma esperança minha mágoa adoça.
Posso tirar-vos de tutela austera;
Revogo leis, cujo rigor chorava.
De vós, do vosso coração disponde;
E em esta Trezene, que hoje é minha,
De Piteu meu avô herança antiga,
Que por seu rei sem balançar me elege,
Ficais tão livre, e livre mais que eu mesmo.

ARÍCIA

Bondades moderai, com que não posso.
Minha desgraça honrar com tais extremos,
É mais do que cuidais, senhor, reter-me
Nas, de que me eximis, leis rigorosas.

HIPÓLITO

De um rei na escolha Atenas vacilante
Vos nomeia, e a mim, de Fedra ao filho.

ARÍCIA

A mim, senhor?

HIPÓLITO

Bem sei, e não me iludo,
Que uma soberba lei quer rejeitar-me.
Mãe estrangeira me condena em Grécia.
Mas se rival somente o irmão tivesse,
Hei direitos sobre ele incontrastáveis,
Que o capricho das leis vencer podiam.
Mais nobre freio minha audácia prende,
Eu cedo, ou vos entrego uma coroa,

Que outro tempo avós vossos receberam
Do mortal grande, que gerou a Terra.
Egeu por adoção obteve o cetro.
Engrandecida por meu pai, Atenas
Viu com júbilo um rei tão generoso,
E esqueceu os mesquinhos irmãos vossos.
Agora Atenas dentro em si vos chama.
Quanto basta gemeu com guerra longa;
O sangue vosso os campos seus regando,
Já fez fumar o chão de que saíra.
Trezene é minha. Dão de Fedra ao filho
As campinas de Creta rico abrigo.
Ática é vossa. Eu parto, e vou juntar-vos
Todos os votos entre nós partidos.

ARÍCIA

Atônita, e confusa do que escuto,
Quase temo que um sonho não me iluda.
Velo acaso? crer posso um tal desígnio?
Que deus, senhor, que deus dar-vo-lo pôde?
Com quanta causa o mundo encheis de glória!
Quanto a realidade excede à fama!
A meu favor vós mesmo quereis trair-vos!
Não era muito já não odiar-me,
E ter podido defender vossa alma
Do rancor tanto tempo?

HIPÓLITO

Eu odiar-vos?
Com qualquer cor que minha altivez pintem,
Pensam que um monstro me gerou no ventre?
Que selvagem furor, que ódio arreigado
Não se desarmará quando vos veja?
Podia eu resistir ao doce encanto?...

ARÍCIA

O que, senhor!

HIPÓLITO

Eu fui muito adiante.
Bem vejo que a razão já cede à força.
Porém, pois comecei, acabar devo;
Devo informar-vos dum fatal segredo,
Que já não cabe dentro de meu peito.
Ante vós vedes lastimoso príncipe
Dum temerário orgulho exemplo eterno.
Eu que contra Cupido revoltado,
Os ferros insultei de seus cativos;
Que os naufrágios dos fracos deplorando,
Pensei do bordo ver sempre as procelas;
À lei universal sujeito agora,
Fora de mim que turbação me arrasta!
Vence um momento minha louca audácia;
Esta alma tão soberba é dependente.
Seis meses há, confuso, desesperado,
Trazendo aberta a ferida que me punge,
Contra vós, contra mim de balde armei-me.
Fujo de ver-vos, vejo-vos ausente,
Vossa imagem me segue aos fundos bosques.
Sombras da noite, a luz do dia, tudo
Me pinta encantos a que em vão me esquivo.
Tudo a dar-vos Hipólito conspira.
Por fruto dos desvelos meus baldados,
Já quando atento em mim me desconheço.
Arco, setas, e carro me importunam.
De Netuno as lições já me esqueceram.
Só com gemidos meus retumba o bosque,
De minha voz se esquecem meus cavalos.
Dum tão agreste amor talvez a história
Vos faz envergonhar desta conquista.
Que feroz expressão em quem vos ama!
Que rude prisioneiro em nó tão belo!
Mas mais cara vos deve ser a oferenda,
Pensai que estranha linguagem falo;

Votos não rejeiteis mal exprimidos,
Que Hipólito, sem vós, nunca formara.

CENA III

Hipólito, Arícia, Teramene, Ismene.

TERAMENE

Senhor, chega a rainha; antecipei-me;
Ela vos busca.

HIPÓLITO

A mim?

TERAMENE

Que quer, ignoro.
Vinham da sua parte procurar-vos.
Quer, antes que partais, falar-vos Fedra.

HIPÓLITO

Fedra! que lhe direi? que esperar pode?...

ARÍCIA

Não deveis recusar, senhor, ouvi-la.
Se bem que do seu ódio convencido,
Deveis-lhe ao menos mostras de piedade.

HIPÓLITO

Mas ides-vos, senhora. Eu parto; e ignoro
Se ofendo esses encantos adoráveis.
Se o coração que em vossas mãos eu deixo...

ARÍCIA

Parti, coroaí intentos generosos;
Tornai a meu poder submissa Atenas;
Quanto por mim fazeis, eu tudo aceito:

Mas este império glorioso, e grande
Não é dos vossos dons o que eu mais prezo.

CENA IV

Hipólito, Teramene.

HIPÓLITO

Tudo está pronto? Mas eis chega Fedra.
Vai, que não falte nada pra partida:
Faze dar o sinal, ordena, e volta
A livrar-me depressa deste enfado.

CENA V

Fedra, Hipólito, Enone.

FEDRA (*a Enone, no fundo do teatro*)

Ei-lo. Ao coração foge meu sangue,
O que venho dizer-lhe, vendo-o, esqueço.

ENONE

Lembrai-vos, que em vós só um filho espera.

FEDRA

Dizem que ides partir, senhor, em breve.
Venho juntar meu pranto a vossas penas,
Venho explicar meus sustos por um filho.
Já não tem pai; e não está longe o dia,
Em que será presente à minha morte.
Mil inimigos sua infância atacam.
Vós só podeis contra eles defendê-lo.
Mas um remorso oculto me lacera;
Temo a seus gritos ter-vos feito surdo.
Temo que justa cólera sobre ele
A odiosa mãe persiga em breve.

HIPÓLITO

Longe de mim tão baixos sentimentos.

FEDRA

Não me queixara; posto me odiásseis.
A maltratar-vos viste-me interessada;
E não podíeis ler dentro em meu peito.
Trabalhei por ganhar o ódio vosso.
Não vos pude sofrer onde habitava.
Em público, em segredo rebelada
Contra vós, quis que o mar nos separasse.
Por uma expressa lei proibi mesmo,
Que ante mim vosso nome proferissem.
Mas se a pena se mede pela ofensa,
Se o ódio só pode atrair vosso ódio,
Não há mulher de compaixão mais digna.
Menos digna de vossa inimizade.

HIPÓLITO

Dos filiais direitos mãe ciosa
Raro perdoa de outra esposa aos filhos;
Bem o sei. As suspeitas importunas
São de segundo himeneu frutos vulgares.
Qualquer outra igualmente se assombrara,
E talvez mais ultrajes me fizesse.

FEDRA

Ah! Senhor, quis o céu excetuar-me
Da lei geral, por ele mesmo o atesto!
Outro susto me turba, e me devora!

HIPÓLITO

Inda tempo não é de perturbar-vos.
Talvez que viva ainda o vosso esposo.
A nosso pranto pode o céu cedê-lo.
Netuno o ampara, e a tutelar deidade
Não será por meu pai em vão chamada.

FEDRA

Da habitação dos mortos não se volta.
Pois que as margens Teseu viu do Cocito,
Debalde esperais que um deus vo-lo conceda;
Nunca a presa largou Caronte avaro.
Que digo! Não está morto; em vós respira.
Creio ver meu esposo ante meus olhos.
Falo-lhe, vejo-o; e o coração... Deliro!
Meu louco ardor, a meu pesar, declaro.

HIPÓLITO

Do vosso amor prodigioso efeito!
Bem que morto, Teseu é-vos presente.
Sempre vossa alma em seu amor se abrasa.

FEDRA

Sim, por Teseu, senhor, morro, e me abraso.
Eu o amo, não qual o viu o inferno
Inconstante amator de mil objetos,
O tálamo indo desonrar de Pluto.
Mas altivo, fiel, e um pouco agreste,
Mas moço, encantador, tudo atraindo,
Quais pintam nossos deuses, qual vos vejo.
Os olhos, porte, e vossa fala tinha:
Um nobre pejo lhe corava o rosto,
Quando de Creta atravessou os mares.
Para as filhas de Minos digno enleio,
Que fazíeis então? De heróis da Grécia
A flor por que juntou, deixando Hipólito?
Por que inda em tenra idade não pudestes
Entrar na nau que o trouxe às nossas margens?
Da Creta o monstro vós teríeis morto,
Apesar do intrincado domicílio.
Para bem conhecer os seus rodeios
O fatal fio minha irmã vos dera.
Porém não, tê-la-ia eu precedido.

Inspirar-me-ia amor logo esta ideia.
Eu sou, príncipe, eu sou, cujo socorro
Vos ensinara do Labirinto as voltas.
Ah! que desvelos por tão bela vida!
Não segurara um fio a vossa amante.
Companheira do perigo que buscáveis,
Ante vós quereria andar eu mesma;
E convosco à prisão Fedra descendo,
Convosco voltaria ou se perdera.

HIPÓLITO (*à parte*)

Deuses! que escuto?... Esqueceis, senhora,
Que Teseu é meu pai, que é vosso esposo?

FEDRA

E por que julgais, príncipe, me esqueço?
De minha glória perderia a estima?

HIPÓLITO

Perdoai-me, confesso com vergonha,
Que interpretava mal fala inocente.
Não suporta meu pejo a vossa vista;
E vou...

FEDRA

Ah! sim, cruel! bem me entendeste.
Para te enganar disse bastante.
Pois bem! conhece Fedra, e seus furores.
Amo. Não penses que a meus próprios olhos
Inocente, os ardores meus aprove;
Nem que do fero amor que me enlouquece
Nutra o veneno a minha complacência.
Infausto objeto das celestes iras,
Mais me odeio, que tu me não detestas.
Sabem-no os deuses que em meu seio o fogo
Acenderam, fatal a toda a estirpe;
E que de seduzir fazem alarde

Incauto coração de mortal frágil.
Lembre-te mesmo do que se há passado.
Fugir-te não bastou, fiz expulsar-te;
Cruel! quis-te parecer feroz, tirana;
Para melhor resistir, busquei teu ódio.
Mas que me aproveitou cuidado inútil?
Tu me odiavas mais, eu mais te amava.
Novas graças te dão teus infortúnios.
Eu me abati, mirrei no fogo, e pranto.
Para te persuadir bastam teus olhos,
Se um momento teus olhos podem ver-me.
Que digo? A confissão tão vergonhosa,
Que acabo de fazer, crê-la espontânea?
Pra um filho, que trair não me atrevia,
Vim tremendo pedir vossa amizade.
Projetos vãos de um peito apaixonado!
Ah! só pude falar-te de ti mesmo!
Vinga-te: de odioso amor me pune.
Digno filho do herói que te deu vida,
Dum monstro que te irrita o mundo livra.
De Teseu a viúva, amar Hipólito!...
Crê-me, não deixes mais viver tal fera;
Eis o meu coração: debes rasgá-lo.
Impaciente de expiar a ofensa,
Ante o teu braço sinto que se avança.
Fere: ou se o crês indigno de teus golpes,
Se um tão doce suplício inda me invejas,
Ou se em sangue tão vil temes manchar-te,
Em falta de teu braço, dá-me a espada,
Dá.

ENONE

Que fazeis? Senhora! Justos deuses!
Mas vem gente. Evitai as testemunhas.
Vinde, entrai, e fugi vergonha certa.

CENA VI

Hipólito, Teramene.

TERAMENE

Fedra é quem foge? quem daqui arrastam?
Por que, senhor, tais mostras de tristeza?
Estais sem cor, turbado, e sem a espada.

HIPÓLITO

Fujamos. Por extremo me surpreendo.
Não posso, sem horror, ver-me a mim mesmo.
Fedra... Mas não, oh céus! em nuvem espessa
Este horrível segredo fique oculto.

TERAMENE

Se quereis partir, as velas estão prontas:
Mas declarou-se já, senhor, Atenas.
Já seus chefes os votos recolheram;
É Fedra, é vosso irmão que a palma levam.

HIPÓLITO

Fedra?

TERAMENE

Um arauto, que mandou Atenas,
Na mão vem pôr-lhe as rédeas do governo.
Senhor, seu filho é rei.

HIPÓLITO

Deuses que a vedes!
Quereis vós recompensar sua virtude?

TERAMENE

Contudo um rumor há, que Teseu vive.
Dizem que aparecera já no Epiro;

Mas eu, que o lá busquei, mui bem conheço...

HIPÓLITO

Que importa? ouça-se tudo, e se examine.
Indague-se o boato, e sua origem.
Não sendo causa que a partida impeça,
Partamos; e a qualquer custo que seja,
Dê-se o cetro a quem dele seja digno.

ATO III

CENA I

Fedra, Enone.

FEDRA

Ah! levem essas honras que me oferecem.
Importuna! inda queres que me vejam?
Tais lisonjas a uma alma desolada?
Esconde-me antes; já falei sobejo.
Ousaram trasbordar os meus furores.
Disse o que nunca deveria ouvir-se.
Céus! como me escutava! Meus discursos
Com que rodeios iludia o ingrato!
Como só em fugir-me punha o fito!
Redobrou seu rubor minha vergonha.
Para que do meu projeto desviar-me?...
Quando ia o ferro seu buscar meu seio
Por mim perdeu a cor? ou arrancou-me?...
Basta que minha mão tocado o tenha,
A seus ferozes olhos fi-lo horrível;
Suas mãos o infeliz lhe profanara...

ENONE

Assim, cuidando só de lamentar-vos,

Nutris um fogo que apagar devíeis.
Não vos fora melhor, filha de Minos,
Em um mais nobre afã buscar sossego?
Tentar fugir dum adorado ingrato?
Reinar, e interesses regular do Estado?

FEDRA

Eu, reinar! Eu, ditar leis ao Estado,
Quando a fraca razão em mim não reina!
Quando os sentidos meus reger não posso!
Quando em jugo cruel respiro apenas!
Quando morro!

ENONE

Fugi.

FEDRA

Posso eu deixá-lo?

ENONE

Bani-lo ousastes, não ousais fugi-lo?

FEDRA

É tarde. Minha louca paixão sabe.
Do austero pejo já transpus a meta.
Sabe meu vencedor minha vergonha;
E a esperança, a meu pesar, de mim se apossa.
Recobrando por ti força perdida,
E sobre os lábios já minha alma errante,
Com lisonjeiros ditos me animaste,
Fizeste-me entrever que posso amá-lo.

ENONE

Culpada ou inocente em vossas mágoas,
Que não faria eu para salvar-vos?
Mas, se pode irritar-vos uma ofensa,
Esqueceis os desprezos dum soberbo?

O seu rigor tenaz com que olhos feros
Vos deixava a seus pés quase prostrada!
Quanto com fero orgulho era odioso!
Ah! que não tinha Fedra então meus olhos!

FEDRA

Perder pode esse orgulho que te ofende;
Criado em selvas, delas tem a aspereza.
E por ferozes leis endurecido,
Ouve falar de amor a vez primeira.
Talvez foi da surpresa o seu silêncio;
Talvez fortes demais são nossas queixas.

ENONE

Pensai que uma mãe bárbara gerou-o.

FEDRA

Bárbara e cita foi, e amou contudo.

ENONE

Ódio fatal professa ao sexo inteiro.

FEDRA

Eu não terei rival que me prefiram.
Mas, são fora de tempo teus conselhos.
Não sirvas a razão, meu furor serve.
Se opõe a Amor um peito inacessível;
Busquemos outro meio de atacá-lo.
Tocavam-no os encantos dum império;
Atenas o atrai, vão é negar-se;
As naus tinham para lá voltado a proa,
E a vela solta aos ventos ondeava.
Fala por mim ao moço ambicioso.
Faze brilhar a coroa ante seus olhos.
Cinja na frente o diadema sacro:
Basta-me a honra de prender-lhe eu mesma.
Ceda-se o mando que reter não posso.

Na arte de reinar guiará meu filho.
Talvez queira de pai fazer-lhe as vezes;
Ele e a mãe em seu poder entrego.
Tenta todos os meios de abrandá-lo.
Mais acesso que os meus, terão teus ditos.
Geme, insta, chora: pinta Fedra à morte;
Sem pejo usa expressões de quem suplica.
Tudo confirmarei, és minha esperança.
Vai, não resolvo nada antes que voltes.

CENA II

FEDRA

Tu, que vês a vergonha a que me abato,
Inda não basta? Vênis implacável!
Não pode fazer mais tua crueza.
Calaram tuas setas, tu triunfas.
Cruel! se inda pretendes nova glória,
Ataca outro inimigo mais rebelde.
Hipólito te foge, e por desprezo
Jamais dobrou joelho a teus altares.
Ofende só teu nome os seus ouvidos.
Vinga-te, oh deusa! minha causa é tua.
Obriga-o a amar... Mas já tu voltas?...
Aborrecem-me, Enone! e não te escutam?

CENA III

Fedra, Enone.

ENONE

De amor baldado sufocai a ideia,
E à vossa recorrei virtude antiga.
Vós ides ver o rei, que se creu morto.
Teseu chegou: Teseu está já perto.
O povo para o ver corre, e se apinha.

Por ordem vossa Hipólito buscava,
Quando mil gritos até ao céu subindo...

FEDRA

Meu esposo está vivo? Enone, basta.
Fiz a vil confissão de amor que o ultraja;
Ele vive; não quero mais ouvir-te.

ENONE

Quê?

FEDRA

Predisse-te eu, mas não quiseste;
Tuas lágrimas venceram meus remorsos.
Morria esta manhã digna de pranto;
Segui teu voto, desonrada morro.

ENONE

Vós morreis?

FEDRA

Justos céus! que fiz eu hoje?
Vem meu esposo, e junto dele o filho.
Verei a testemunha dos meus crimes
Observar com que face o pai recebo,
Sufocado meu peito em ais baldados,
Banhada em pranto que o cruel despreza.
Pensas que, à honra de Teseu sensível,
Ele lhe esconda o fogo que me abrasa?
Trair seu pai, seu rei, deixará ele?
Reprimirá o horror que por mim sente?
Mas calar-se-ia em vão: sei meus delitos,
Não sou dessas mulheres atrevidas,
Que gozando no crime paz tranquila,
Mostram semblante que jamais se cora.
Minhas fúrias conheço, e lembram todas.
Parece-me que os tetos, e as paredes

Já vão falar, e prontos a acusar-me,
Para o desabusar, Teseu esperam.
Morramos. Deste horror me livre a morte!
É cessar de viver um mal tão grande?
Não causa espanto a morte aos desgraçados;
Só temo a fama que após mim eu deixo.
Para os tristes filhos meus, que triste herança!
De Jove o sangue animará seu peito.
Mas por mais que alto sangue orgulho inspire,
O crime duma mãe fardo é pesado.
Eu tremo que uma boca, ah! verdadeira
Lhe lance um dia em rosto a mãe culpada.
Tremo, que opressos deste peso odioso,
Um, e outro jamais levante os olhos.

ENONE

Não duvideis, senhora, um, e outro choro.
Nunca temor foi justo mais que o vosso.
Porém a afrontas tais que serve expô-los?
Para que ides depor contra vós mesma?
Mas sim. Dir-se-á que Fedra criminosa
Dum esposo traído foge o aspecto.
Hipólito é feliz, que à vossa custa
Apoieis, expirando, seus discursos:
Ao vosso delator que hei de dizer-lhe?
Ante ele será fácil confundir-me.
Vê-lo-ei gozar de seu triunfo horrível,
E a todos contar vossa desonra.
Ah! que a chama do céu antes me abraze!...
Não me enganeis, inda ele vos é caro?
Com que olhos o audaz príncipe vedes?

FEDRA

É, qual monstro, horroroso à minha vista.

ENONE

Para que ceder-lhe pois total vitória?

Vós o temeis... Pois bem, lançai-lhe em rosto
O mesmo crime de que pode arguir-vos.
Quem vos desmentirá? Tudo é contra ele.
Sua espada que tendes felizmente,
O vosso susto agora, a dor antiga,
Seu pai por vossas queixas prevenido,
E o desterro seu por vós rogado...

FEDRA

Eu? manchar e oprimir a inocência!

ENONE

Meu zelo só precisa de segredo.
Aflita como vós sinto remorsos,
Mil mortes afrontar mais pronta iria.
Mas, pois vos perco sem tão triste meio,
Tudo da vossa vida cede ao preço.
Eu falarei. Teseu estimulado
Porá termo à vingança cum desterro.
Senhora, é sempre pai, um pai punindo;
Às suas iras bastam penas leves.
Mas inda que inocente sangue corra,
Que não pede vossa honra ameaçada?
Caro tesouro para expor-se é este.
Qualquer lei que vos dite, submetei-vos;
E por salvar nossa honra combatida
Deveis tudo imolar, até a virtude.
Mas vem gente! É Teseu.

FEDRA

Ah! vejo Hipólito;
Seus olhos insolentes me condenam.
A ti me entrego, faze o que quiseres.
Tal como estou, pra mim não posso nada.

CENA IV

Teseu, Hipólito, Fedra, Enone, Teramene.

TESEU

Cessa o fado de opor-se a meus desejos,
E em vossos braços põe...

FEDRA

Esperai, Teseu,
Não profaneis transportes tão suaves.
Ternos afagos teus já não mereço.
Sois ofendido. A fortuna ingrata
Na vossa ausência não poupou a esposa.
Indigna de agradar-vos, de ser vossa,
Devo cuidar somente em esconder-me.

CENA V

Teseu, Hipólito, Teramene.

TESEU

Que estranho acolhimento a teu pai fazem,
Meu filho?

HIPÓLITO

Fedra só pode explicá-lo.
Mas, se vos movem meus ardentes rogos,
Permiti-me, senhor, de mais não vê-la:
Sofrei que para sempre o triste Hipólito
Desapareça donde Fedra habita.

TESEU

Deixar-me, oh filho meu?

HIPÓLITO

Não a buscava,
Vós fostes quem guiou para aqui meus passos.
Dignastes-vos, nas praias de Trezene

De confiar-me Arícia, e a rainha:
Eu fui mesmo incumbido de guardá-las.
Que cuidados porém ora me prendem?
Assaz no bosque a ociosa mocidade
Em inimigos vis provou meu braço.
Não poderei, fugindo inércia indigna,
Tingir meus dardos em mais nobre sangue?
Inda os anos, que conto, não contáveis,
E já mais de um tirano, e mais de um monstro
Tinham de vossa mão sentido a força;
Perseguidor feliz do despotismo,
Tínheis limpado as praias dos dois mares;
Nada temia o livre caminhante.
Hércules, só de ouvir vossas proezas,
Em vós de seus trabalhos repousava.
E eu, dum nobre pai obscuro filho,
Até aos vestígios maternais não chego.
Sofrei que meu valor ouse empregar-se.
Se vos pôde escapar inda algum monstro,
Sofrei que seus despojos vos ofereça;
Ou que a memória duma nobre morte,
Eternizando dias bem cumpridos,
Que vosso filho fui, ao mundo prove.

TESEU

Ah! que vejo! Que horror nestes lugares
Faz fugir de ante mim minha família?
Se tão temido, e pouco amado volto,
Céus! da minha prisão para que tirar-me?
Um amigo só tinha. Em seu delírio
Roubar quis a mulher do rei do Epiro.
De mau grado servi os seus amores;
Cegava a ambos irritada sorte.
Indefeso o tirano surpreendeu-me;
Vi Pirítoo, lacrimoso objeto,
Entregue pelo bárbaro a monstros,
Que nutria de infausto sangue humano.

Fui preso eu mesmo em hórridas cavernas,
Profundas, e do Báratro vizinhas.
Passados meses seis, viram-me os deuses.
Os olhos iludi que me guardavam.
Do inimigo cruel purguei o mundo;
E de pasto serviu ele a seus monstros.
Mas quando transportado penso unir-me
Ao que os deuses me deram de mais caro...
Que digo? Quando esta alma a si tornando,
Vem de tão cara vista saciar-se,
Agitados, aflitos me recebem.
Tudo foge e se esquiva a meus carinhos;
Sentindo eu mesmo o terror que excito,
Em Epiro quisera inda estar preso.
Fala. Queixa-se Fedra que me ultrajam.
Quem me traiu? Por que não estou vingado?
A Grécia, a quem tão útil foi meu braço,
Ao criminoso concedeu asilo?...
Não respondes! meu filho, o próprio filho
Cos inimigos meus está de acordo?
Entremos. Tanta dúvida me oprime.
A culpa, o réu, a um tempo se conheça:
Explique Fedra a turbação, que mostra.

CENA VI

HIPÓLITO (*só*)

Qual o fim dum discurso que me aterra?
A seu furor extremo Fedra entregue
Acusar, e perder quer-se a si mesma?
Céus! o rei que dirá? Quanto veneno
Sobre sua família Amor derrama!
Ardendo eu mesmo em chamas que ele odeia,
Qual outrora me viu, qual me vê hoje!
Cruéis pressentimentos me horrorizam.
Mas enfim a inocência nada teme.

Vamos: busque-se um meio industrioso,
Com que a ternura de meu pai se mova.
Saiba um amor, que perturbar bem pode,
Mas que império não tem pra destruí-lo.

ATO IV

CENA I

Teseu, Enone.

TESEU

Ah! que escuto! Um traidor, um temerário
Tal ultraje dum pai à honra urdia!
Com que rigor, Destino, me persegues!
Não sei aonde vou, nem onde esteja.
Oh bondade! oh amor mal compensado!
Projeto enorme! horrível pensamento!
Para levar ao fim paixão infame
O insolente recorria à força.
Conheci seus furores nesta espada,
Que para uso mais nobre lhe entregara.
Nenhuns laços do sangue o contiveram;
E diferia Fedra castigá-lo!
E o silêncio de Fedra inda o poupava!

ENONE

Um deplorável pai ela poupava.
Envergonhada pelo atroz desígnio
E pelo que acendeu fogo culpável,
Fedra expirava, e seu mortífero braço
Extinguia a luz pura de seus olhos.
Eu vi-lhe erguer a mão, e quis salvá-la.
Guardá-la a vosso amor soube eu somente;
Da vossa mútua dor compadecida,

Servi, sem querer, de intérprete a seu pranto.

TESEU

Pérfido!... e como a cor perdeu do rosto!
Assim que me avistou, tremeu de susto.
Pasmei de ver seu pouco regozijo;
Os seus frios abraços me gelaram...
Mas esse amor culpável que o devora,
Já se tinha em Atenas declarado?

ENONE

Da rainha, senhor, lembrem-te as queixas;
Este amor motivou todo o seu ódio.

TESEU

E agora em Trezene renovou-se?

ENONE

Já vos disse, senhor, quanto é passado...
Mas Fedra a mortal dor ficou entregue:
Permiti que vos deixe, e corra a vê-la.

CENA II

Teseu, Hipólito.

TESEU

Ei-lo, oh deuses! Ao ver seu porte nobre,
Quem, como eu me enganei, não se enganara?
Na frente dum adúltero profano
Brilhará da virtude o sacro estigma?
E não fora melhor, por sinais certos,
Reconhecer o coração dos pérfidos?

HIPÓLITO

Posso saber de vós que nuvem triste,
Senhor, perturba vosso rosto augusto?

Fiais da minha fé este segredo?

TESEU

Ah! pérfido! ante mim ousas mostrar-te?
Monstro, que o raio tem assaz poupado!
Dos que eu exterminei impuro resto!
Dês que o transporte dum amor horrível
Teus furores levou ao pátrio tálamo,
Inda ousas apresentar-me a frente inimiga?
Vês lugares da tua infâmia cheios!
E não vás procurar em clima ignoto
País, a que o meu nome não chegasse!
Foge, traidor! Meu ódio não provoques,
Não tentes ira, que eu retenho apenas.
É bastante para mim o opróbrio eterno
De dar a vida a um filho tão culpado,
Sem que, infausta a meu nome, a morte tua
A glória manche de meus nobres feitos.
Foge; e se queres, que um castigo pronto
Não te ajunte aos malvados que hei punido;
Aguarda, que jamais o astro brilhante
O temerário pé veja aqui pôr-te.
Foge, fuge; não voltes, e depressa
Do horrído aspecto teu purga os meus reinos.
E tu, Netuno, se este braço outrora
De assassinos limpou as tuas praias,
Lembre-te que, por preço a meus trabalhos,
Me outorgaste o meu primeiro voto.
Duma cruel prisão entre os horrores,
Teu imortal poder tenho poupado.
Avaro do socorro prometido
Para casos mais extremos te guardava.
Hoje te imploro; vinga um pai aflito:
À tua cólera o traidor entrego.
Em seu sangue sufoca os seus desejos.
Mostrar-me-ás bondade em teus furores.

HIPÓLITO

Dum criminoso amor Fedra me acusa!...
Tal excesso de horror gela-me o sangue...
Tanto golpe imprevisto ora me aterra,
Que a língua se me prende, a voz se extingue.

TESEU

Pretendias, traidor, que em vil silêncio
Teu insulto brutal Fedra ocultasse?
Devias não deixar quando fugiste
O ferro, que depõe contra teu crime.
Ou a perfídia ao cúmulo levando,
Tirar-lhe para logo a voz e a vida.

HIPÓLITO

Por tão atroz mentira provocado,
Deveria dizer toda a verdade:
Porém guardo um segredo que vos toca.
O respeito aprovai, que me emudece
E sem mais aumentardes vossas penas,
Minha vida observai, e quem sou vede.
Alguns crimes precedem grandes crimes.
Quem da virtude transgrediu a meta,
Por fim quebra os direitos mais sagrados.
Como a virtude, tem degraus o vício;
Jamais se viu a tímida inocência
Passar dum salto à licença extrema;
Um mortal com virtude, só num dia
Não se torna assassino, incestuoso.
Nutrido ao seio de heroína casta,
Não desmenti a origem do seu sangue.
Piteu, entre os mortais sábio julgado,
Ao sair de seus braços, doutrinou-me.
Não é por me mostrar com mais vantagem;
Mas se alguma virtude tive em sorte,
Creio, senhor, ter feito bem patente
O horror aos crimes, que ousam imputar-me.

Por isso em Grécia é conhecido Hipólito.
Passei de virtuoso a ser grosseiro.
Minha austera tristeza é conhecida.
É puro o coração qual puro dia;
E quer-se que inflamado em fogo insano...

TESEU

Essa mesma soberba te condena.
Conheço a causa da frieza tua.
Só teus olhos impuros Fedra encanta;
E tua alma indiferente a outro objeto
Não podia nutrir chama inocente.

HIPÓLITO

Não, meu pai, ocultá-lo já não posso;
Pôde abrasar meu peito amor pudico.
Meu verdadeiro crime vos confesso.
Eu amo... eu amo, sim, a pesar vosso;
Arícia deu-me as leis que me cativam,
Soube vencer-me a filha de Palante;
Adoro-a: e minha alma, a vós rebelde,
Por ela suspirar, e arder só pode.

TESEU

Arícia?... Oh céus!... Mas não, grosseiro é o laço;
Para justificar-te réu te fazes.

HIPÓLITO

Seis meses há, senhor, que a fujo, e amo.
A vo-lo confessar vinha tremendo...
Mas quê! nada vos mostra o vosso engano?
Que juramento basta a segurar-vos?
Que o céu, a terra, e toda a Natureza...

TESEU

Sempre os maus ao perjúrio recorreram!...
Basta; poupa um discurso que me cansa.

Se outro auxílio não tem tua virtude...

HIPÓLITO

Vã vos parece, e cheia de artifício.
Fedra faz-me em seu peito mais justiça.

TESEU

Ah! tua audácia meu furor excita!

HIPÓLITO

Que tempo, que lugar tem meu desterro?

TESEU

Fosses tu inda além do mar de Atlante,
Muito vizinho a um pérfido me crera.

HIPÓLITO

O crime atroz, que me imputais, levando,
Que amigos acharei, se o pai me deixa?

TESEU

Vai procurar amigos, cuja estima
O adultério honre, o incesto aplauda;
Traidores, e sem lei, sem honra, ingratos,
De um malvado qual tu, dignos patronos.

HIPÓLITO

De incestos, de adultérios falais sempre;
Eu me calo, senhor. Mas Fedra é filha,
Dum sangue Fedra sai, (não vos é novo)
Mais do que o meu, de tais horrores cheio.

TESEU

Quê! tua raiva já não tem barreiras?
Por última vez sai da minha vista.
Foge, traidor: antes que um pai iroso
Te expulse com opróbrio destes lares.

CENA III

TESEU (*só*)

À tua perda certa, infeliz! corres.
Netuno pelo Estix, horrído aos numes,
A palavra me deu, vai já cumpri-la.
Vinga-me um deus, não poderás fugi-lo.
Eu te amava... a despeito do teu crime,
Já sinto o coração por ti turbar-se:
Porém tu me obrigaste a condenar-te.
Já houve acaso um pai mais ultrajado?
Justo céu, que a dor vês que me lacera,
A tão culpado filho dei eu vida?

CENA IV

Fedra, Teseu.

FEDRA

Cheia de justo espanto, ante vós chego;
Veio até mim a vossa voz terrível.
Dos ameaços temo o pronto efeito;
Vossa prole poupai, senhor, se é tempo,
Respeitai vosso sangue, ousou pedi-lo:
De o ouvir bradar o horror tirai-me.
Ah! não me prepareis a dor eterna
De eu ser causa, que um pai assim o verta.

TESEU

Não: não tenho em meu sangue a mão banhada;
Mas nem por isso há de escapar o ingrato.
Netuno se incumbiu do seu castigo;
Um deus me deve, vós sereis vingada.

FEDRA

Netuno! Ah! vossos votos temerários...

TESEU

Quê! temeis que não sejam bem ouvidos?
Antes a eles vos juntai; são justos.
Pintai-me em todo o horror os seus delitos,
Animai meus transportes frouxos, lentos:
Todos seus crimes não vos são patentes.
Seu furor contra vós rompe em injúrias.
Mentirosa é, diz ele, a vossa boca.
Que a Arícia dera o coração afirma;
Que a ama.

FEDRA

Que, senhor?

TESEU

A mim me disse.
Mas eu sei desprezar frívola astúcia.
Pronta justiça de Netuno esperemos.
Eu mesmo vou aos pés de seus altares
Obrigá-lo a cumprir seus juramentos.

CENA V

FEDRA (*só*)

Vai-se. Que horrível nova soube agora?
Que fogo mal extinto em mim recresce?
Que raio, oh céus! e que funesto aviso!
Toda eu voava a socorrer seu filho;
Fugindo aos braços da assustada Enone
Já cedia aos remorsos que me aterrorizam.
Quem sabe o que eu faria arrependida?
Talvez que consentisse em acusar-me.
Se o fio não cortasse a meu discurso,
Talvez verdade horrível me escapasse.

Ele é sensível... e por mim não sente!
Tem sua fé... seu coração Arícia...
Oh deuses! quando o ingrato inexorável
Se armava de altivez contra meus votos,
Pensava que seu peito, a amor estranho,
Se defendesse contra o sexo inteiro.
Outra porém domou sua fereza;
Ante os olhos cruéis outra achou graça.
Talvez que tenha o coração bem terno.
Único objeto sou que ele não sofre;
E sobre mim tomava defendê-lo!

CENA VI

Fedra, Enone.

FEDRA

Sabes, Enone, o que ouvi agora?

ENONE

Não; mas venho tremendo, é bem verdade,
Aterrou-me a tenção com que saíste.
Temi furores, que fatais vos fossem.

FEDRA

Eu tinha uma rival, quem tal pensara?

ENONE

Como?

FEDRA

Ele ama, duvidar não posso.
Este feroz, indômito inimigo,
A quem respeito ofende, e os ais molestam,
O tigre, a que jamais cheguei sem susto,
Submisso, e manso, um vencedor conhece.
Pôde seu coração tocar Arícia.

ENONE

Arícia?

FEDRA

Oh dor nunca sentida!

A que novo tormento estou guardada!

Quanto sofri, meus sustos, meus transportes,

Meus furores, o horror de meus remorsos,

Dum repúdio a injúria insuportável,

Tudo era um fraco ensaio do que sofro.

Amam-se!... E por que encanto me enganaram?...

Como se viram? Quando? Em que lugares?

Sabia-lo: e deixavas seduzir-me?

Do seu furtivo amor não me instruías?

Viram-se eles falar, e procurar-se?

Iam nos densos bosques esconder-se?

Viam-se, ah triste! em plena liberdade;

Seu inocente afeto aos céus prazia.

Seus amores seguiam sem remorsos.

Claros e puros lhes eram sempre os dias.

Enquanto eu, vil refugio da Natura,

Me ocultava do sol, da luz fugia;

Era a morte o só númen que invocava.

Aguardando o momento em que expirasse,

Nutria-me com fel, com pranto amargo.

Até na minha desgraça vigiada,

Nem podia afogar-me em minhas lágrimas.

Tão funesto prazer gozava a furto;

E fingindo entre as penas rosto alegre,

Mil vezes me privei de meus suspiros.

ENONE

Que fruto hão de tirar de seus amores?

Nunca mais se verão.

FEDRA

Amar-se-ão sempre.
Agora mesmo, que mortal lembrança!
Zombam da fúria da insensata amante:
Apesar de um desterro, que os separa,
Juram mil vezes de se não deixarem.
Não, não sofro esta dita que me ultraja.
De meu furor cioso, ah! tem piedade.
Perca-se Arícia; e de meu esposo,
Contra um sangue fatal, arme-se a ira.
Que ele não se limite a penas leves;
Da irmã o crime o dos irmãos excede.
Quero nos meus transportes implorá-lo.
Que faço?... aonde vais, razão, perder-te?..
Eu ciosa! E Teseu é por quem chamo!
Ardo de amor, e meu esposo é vivo!
Por quem? A que mortal tendem meus votos!..
Cada palavra erriça-me os cabelos.
Já meus crimes encheram a medida.
Respiro a um tempo o incesto, a impostura.
Minha homicida mão pronta a vingá-me
Pula por se banhar em sangue puro.
Miserável! E vivo! E a vista sofro
Deste sagrado sol de quem descendo!
É meu avô supremo pai dos deuses;
Céus e terra de meus avós está cheia.
Onde me hei de esconder? Ah! sim, no inferno.
Mas quê! Meu pai tem nele a fatal urna.
A sorte a pôs nas suas mãos severas.
Minos lá julga os pálidos humanos.
Sua sombra que horror sentir não há de,
Quando vir ante si presente a filha,
Obrigada a dizer tão vários crimes,
Crimes talvez que ali se não conhecem!
Que não dirás, meu pai, a uma tal cena?
Cair-te da mão vejo a urna horrível;
Vejo-te já, buscando novas penas,
Seres tu mesmo algoz do próprio sangue.

Perdoa: um deus perdeu tua família.
Nos furores da filha, vê seu ódio.
Ah! do crime fatal, que me envergonha,
Meu triste coração não colheu fruto.
Até ao último instante desgraçada,
Penosa vida exalo entre tormentos.

ENONE

Senhora! desterrai terror injusto.
Por outra face vede erro escusável.
Vós amais. Ninguém vence o seu destino.
Por encanto fatal foste arrastada.
Prodígio é este acaso nunca ouvido?
Só de vós o amor tem triunfado?
Natural aos mortais é a fraqueza.
Mortal, duma mortal sofreis a sorte.
Queixais-vos de opressão já muito antiga.
Os deuses mesmo, que no Olimpo habitam,
Que tão terríveis sobre os crimes troam,
Ilegítimo amor às vezes sentem.

FEDRA

Que escuto? Que conselhos ousas dar-me?
Queres que até ao fim beba o veneno,
Infeliz! eis o como me perdeste.
Tu me tornaste à luz de que eu fugia,
Olvidei, por teus rogos, meus deveres.
Hipólito fugi, fizeste ver-me.
Mas de que te incumbiste? Essa ímpia boca
Pra que, acusando-o, lhe manchou a vida?
Talvez morra, talvez que seja ouvido
Dum insensato pai voto sacrílego.
Mais não te escuto. Vai, monstro execrando!
Deixa-me entregue ao horror da minha sorte,
Pague-te o justo céu como mereces:
E teu suplício aterre eternamente
Aqueles, que, quais tu, por vis lisonjas,

As fraquezas dos príncipes fomentam;
Que os arrastam ao vício a que propendem;
E o caminho do crime assim lhe aplanam.
Vis, lisonjeiros, dom o mais funesto,
Que aos reis pôde fazer ira celeste!

ENONE (*só*)

Deuses! Para a servir fiz quanto pude;
Recebo paga tal! Foi bem merecida.

ATO V

CENA I

Hipólito, Arícia, Ismene.

ARÍCIA

Podeis calar-vos neste perigo extremo!
Deixais no erro um pai que vos adora!
Cruel! se, desprezando minhas lágrimas,
Sem custo consentis em mais não ver-me.
Parti; da triste Arícia separai-vos:
Mas segurai, partindo, a vida ao menos;
Vossa honra defendei duma vileza:
Forçai Teseu a revogar seus votos.
Inda é tempo. Por que, por que capricho,
Deixais à acusadora o campo livre?
Instruí vosso pai.

HIPÓLITO

Quanto não disse?
Devia-lhe eu mostrar seu mesmo opróbrio?
Devia-lhe eu, por narração sincera,
Cobrir de indigno pejo a fronte augusta?
Só vós é que sabeis a iníqua trama.

Só aos deuses, e a vós se abre meu peito.
Não vos pude ocultar (de amor que prova!)
O que quisera não saber eu mesmo.
Mas pensai com que pacto vo-lo disse.
Tudo esquecei, senhora, se é possível;
Não se abra jamais boca tão pura
Para contar sucesso tão nefando.
Podemos confiar nos justos deuses:
Em me justificar eles interessam;
E tarde ou cedo Fedra castigada,
Já não pode escapar ao justo opróbrio.
Este respeito só de vós exijo.
Ao meu livre rancor permito o resto.
Saí da escravidão em que vos prendem;
Ousai seguir-me; ousai fugir comigo;
Deixai terra funesta, e profanada,
Onde a virtude bebe ar pestilente.
Para esconder a fuga, aproveitai-vos
Da confusão que causa a minha sorte.
Posso meios seguros ministrar-vos;
São vossas, até agora, as minhas guardas.
Contamos com poderosos defensores;
Argos, e Esparta nos estende os braços.
Comuns amigos ouçam nossas queixas.
Não soframos que Fedra, por nós rica,
Do trono paternal ambos expulse,
E dê ao filho seu nosso despojo.
Tão boa ocasião, deve abraçar-se.
Que medo vos retém? pareceis turbar-vos!
Vosso interesse é quem só me inspira audácia.
Mas quando eu fogo sou, sois vós de gelo?
Temeis seguir os passos dum banido?

ARÍCIA

Quanto desterro tal ser-me-ia caro!
Em que transporte, unida a vós, vivera,
Do resto dos mortais nunca lembrada!

Mas, se um laço tão doce nos não liga,
Posso fugir convosco honradamente?
Bem sei que, sem ofensa da virtude,
Às mãos de vosso pai posso esquivar-me.
Do seio de meus pais eu não me arranco;
E bem foge, quem foge a seus tiranos.
Mas vós, senhor, amais-me. E a minha glória...

HIPÓLITO

Não: faz-me desvelar a vossa fama;
Ante vós me conduz mais nobre ideia.
De inimigos fugi, segui o esposo.
Livres em nossa dor, pois que o céu manda;
O dom da nossa fé a nós pertence.
Nem sempre os fochos Himeneu rodeiam.
Às portas de Trezene, entre esses túmulos,
De meus avós antigas sepulturas,
Aos perjuros fatal, há sacro templo.
Os humanos por ele em vão não juram.
Súbita pena o pérfido ali acha.
Assim temendo morte inevitável,
A mentira não tem freio mais forte.
Ali, se fé me dais, de amor eterno
Confirmaremos mútuo juramento;
Tomaremos o deus por testemunha;
Rogar-lhe-emos, que de pai nos sirva.
Invocarei os numes mais sagrados,
A virginal Diana, a augusta Juno,
Quantos deuses enfim meu amor sabem,
Hão de a fé abonar de meus protestos.

ARÍCIA

Chega o rei; parti, príncipe, depressa.
Fico um momento para ocultar a fuga.
Ide; deixai-me um guia bem seguro,
Que saiba dirigir meus passos tímidos.

CENA II

Teseu, Arícia, Ismene.

TESEU

Iluminai-me, oh deuses! e a meus olhos
Mostrai-me essa verdade que procuro.

ARÍCIA

Prepara tudo, Ismene, pra fugida.

CENA III

Teseu, Arícia.

TESEU

Mudais de cor, senhora! estais confusa.
Nestes lugares que fazia Hipólito?

ARÍCIA

Dizia-me, senhor, adeus eterno.

TESEU

Domaram vossos olhos o rebelde;
São vossa feliz obra os seus suspiros.

ARÍCIA

Não vos posso negar o que é verdade.
Não herdou como vós rancor injusto.
Nem como criminosa ele me trata.

TESEU

Entendo. Amor eterno vos jurava.
Mas não vos confieis d'alma volúvel;
Que a mais alguém, que a vós, jurava o mesmo.

ARÍCIA

Quem?

TESEU

Devíeis torná-lo mais constante.

Como sofríeis vós partilha horrível?

ARÍCIA

E como sofreis vós que horríveis ditos

Manchem o curso de tão bela vida?

Seu coração vós conheceis tão pouco?

E tão mal discernis bondade, e crime?

A vossos olhos sós nuvem odiosa

Virtude há de ocultar, que aos outros brilha?

Ah! cessai de entregá-lo à vil calúnia.

Revogai vossos votos homicidas.

Temei, senhor, temei que o céu severo

Vos odeie bastante para ouvir-vos.

Talvez receba irado nossas vítimas.

Talvez seus dons são pena a nossos crimes.

TESEU

Não: debalde encobris seu atentado.

A favor dum ingrato amor vos cega.

Mas eu mais certas testemunhas creio.

Vi lágrimas correr, que me não mentem.

ARÍCIA

Pensai, senhor. O vosso braço invicto

De monstros mil purgou a Natureza;

Porém nem todos se extinguiram, resta

Um... Vosso filho prosseguir me impede.

Conhecendo o respeito que vos guarda,

Eu faria afligi-lo se acabasse.

Imito o seu pudor, de vós me aparto,

Pra não ser constrangida a contar tudo.

CENA IV

TESEU (*só*)

Que quer dizer, que oculta um tal discurso
Mil vezes começado, e interrompido?
Querem-me deslumbrar cum fingimento?
Em confundir-me estão concordes ambos?
Mas eu mesmo, apesar de meus rigores,
Que voz queixosa escuto, que em mim grita?
Secreta compaixão me aflige e pasma.
Segunda vez Enone examinemos.
Eu quero conhecer melhor o crime.
Guardas, chame-se Enone, entre só ela.

CENA V

Teseu, Panope.

PANOPE

O projeto, senhor, de Fedra ignoro.
Porém de seus transportes tudo temo.
Mortal desesperação tem sobre o rosto.
Da morte a palidez lhe tinge as faces.
Com ignomínia expulsada Enone,
Se foi precipitar no mar profundo.
Deste furor as causas ninguém sabe;
E para sempre as ondas a sepultam.

TESEU

Que escuto?

PANOPE

Nem por isso Fedra acalma;
A perturbação cresce n' alma aflita.
Às vezes, para abrandar a dor secreta,

Toma seus filhos, e de pranto os banha;
E súbito, o amor de mãe perdendo,
Com horror os afasta de si longe.
Ao acaso dirige incertos passos;
Seus olhos espantados desconhecem-nos.
Três vezes escreveu: rasgou três vezes,
Mudando a ideia, a carta começada.
Ide vê-la, senhor; dai-lhe socorro.

TESEU

Morreu Enone, oh céus! quer morrer Fedra!...
Chamem meu filho, venha defender-se;
Venha falar-me, pronto estou a ouvi-lo. (*Só*)
Não precipites os teus dons funestos,
Netuno; antes nunca mais me atendas.
Cri talvez em traidoras testemunhas,
Para ti mãos cruéis ergui mui cedo.
Ah! que desesperação me acompanhará!...

CENA VI

Teseu, Teramene.

TESEU

Teramene, és tu? Do filho que fizeste?
Desde a idade mais tenra confiei-te...
Mas donde vêm as lágrimas que choras?
Que faz meu filho?

TERAMENE

Oh vãos, tardos cuidados!
Baldado amor!... Hipólito não vive.

TESEU

Céus!

TERAMENE

Vi morrer o homem mais amável,
E ainda o digo, senhor, menos culpado.

TESEU

Morto é meu filho! Ah! quando lhe abro os braços,
Impaciente o céu lhe apressa a morte!
Que golpe me roubou? que raio súbito?...

TERAMENE

Saindo apenas de Trezene as portas,
Ia sobre o seu carro. Aflitos guardas,
Dele em torno, imitavam seu silêncio.
Triste seguia a estrada de Micena.
Aos cavalos deixava as guias soltas:
E estes, que outro tempo tão soberbos,
Cheios de nobre ardor, lhe obedeciam,
A cabeça inclinada, os olhos tristes,
Pareciam conformar-se a seus pesares.
Grito horrível, saído dentre as ondas,
Eis que dos ares o sossego turba;
E do seio da terra, voz terrível,
Gemendo, respondeu ao fero estrondo.
Em nossos corações gelou-se o sangue.
As crinas aos cavalos se erriçaram.
Sobre a planície líquida se eleva,
Refervendo em cachões, úmido monte.
A onda rola, quebra-se, e vomita
Entre montões de espuma um monstro enorme.
Armam-lhe agudos cornos larga fronte;
Cobrem-lhe o corpo escamas amarelas,
Touro indomável, drago furioso,
Em tortuosa volta encurva as ancas;
Aos seus longos rugidos treme a praia.
O céu, vendo tal monstro, se horroriza.
Move-se a terra, fica o ar corrupto,
Pasma, e recua a onda que o trouxera.
Tudo foge; e valor deixando inútil,

Cada um se acolhe ao vizinho templo.
Só, digno filho dum herói, Hipólito
O carro faz parar, toma seus dardos,
Aponta à fera, e firme disparando
Rompe-lhe o lado com uma larga ferida.
De raiva, e dor o monstro faz corcovos,
Junto aos pés dos cavalos cai mugindo,
Rola, e lhes mostra uma garganta em chamas,
A qual de fogo os cobre, e sangue, e fumo.
O medo os toma então; e esta vez surdos,
Não reconhecem nem a voz, nem freio.
Seu senhor se consome em vãos esforços.
Tingem os freios com sanguínea espuma.
Diz-se que um deus se viu, neste conflito,
Aguilhoar-lhe os polvorosos flancos.
De pavor correm através das fragas.
Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hipólito
Seu carro vê voar feito pedaços,
Cai, e fica nas rédeas enlaçado.
Desculpai minha dor. Tão triste imagem
Será do pranto meu eterna causa.
Vosso filho infeliz vi arrastado
Pelos próprios cavalos que criara.
Quer sossegá-los, e da voz se espantam.
Correm. Fica seu corpo uma só chaga.
Nossos gritos retumbam na campina.
Afrouxa enfim seu fogo impetuoso.
Param não longe dos antigos túmulos,
Que dos reis seus avós as cinzas fecham.
Aflito corro lá, seguem-me os guardas.
De seu sangue os vestígios nos são guia.
Ele tinge os rochedos; e os abrolhos
Os despojos retêm de seus cabelos.
Então chego, e lhe brado; a mão me estende,
Abre, e cerra para sempre os mortais olhos:
O céu, diz, me tirou vida inocente.
Toma a ti, caro amigo, a triste Arícia.

*Se algum dia meu pai desabusado
Chorar dum filho a sorte não merecida,
Para meu sangue aplacar, sombra queixosa,
Dize que com amor trate a cativa,
Que lhe entregue... E aqui o herói já morto,
Deixou nos braços meus o corpo informe,
Triste objeto da cólera dos numes,
E que seu mesmo pai não conheceria.*

TESEU

Meu filho! oh esperança que cortei eu mesmo!
Deuses cruéis que prontos me atendestes!
Pra que angústias mortais estou guardado!

TERAMENE

Eis que a tímida Arícia então chegava.
Vinha, senhor, fugindo vossa cólera,
Por esposo ante as aras recebê-lo.
Chega; vê rubra e fumegante a erva;
Vê (que objeto aos olhos de uma amante!)
Sem cor, sem forma Hipólito prostrado.
Inda quer duvidar do seu destino;
E sem já conhecer o herói que adora,
Hipólito está vendo, e inda o busca.
Mas, certa enfim que o tem ante seus olhos,
Volvendo-os tristemente, acusa os deuses;
Fria, gemendo, e quase inanimada,
Aos pés do seu amante desfalece.
Com ela Ismene está, Ismene em pranto,
A torna à vida, ou antes torna às penas.
E eu vim, cansado de existir, dizer-vos
Dum herói as vontades derradeiras,
Cumprir, senhor, com desgraçado emprego,
De que em mim descansou quando expirava.
Mas vejo vir sua mortal inimiga.

CENA VII

Teseu, Fedra, Teramene, Panope, guardas.

TESEU

Sim! triunfais, meu filho já não vive.
Ah! quanto temo! e quanto me consterna
Cruel suspeita, que me dá sem culpa!
Mas, senhora, morreu; é vossa a vítima.
Injusta ou não, gozai da sua perda.
Quero ter sempre os olhos fascinados.
Pois vós o acusais, culpado o creio.
Bem basta pra meu pranto a morte sua,
Sem que procure mais luz odiosa,
Que à minha justa dor não o entregando,
Aumentara talvez minha desgraça.
Deixai, longe daqui, de vós, que eu fuja
Dum filho lacerado a horrenda imagem.
Turbado, aflito com mortal lembrança,
Quer-me-ia desterrar do mundo inteiro.
Contra a minha injustiça arma-se tudo.
Meu nome mesmo aumenta meu suplício.
Desconhecido mais, mais me escondera.
Até o favor dos deuses abomino;
E seus mortíferos dons vou chorar longe,
Sem mais cansá-los com inúteis rogos.
O seu funesto amor, posto quisessem,
Não poderá pagar quanto me roubam.

FEDRA

Não; rompa-se, Teseu, silêncio injusto.
Vosso filho aparecer deve inocente.
Criminoso não foi.

TESEU

Pai desgraçado!

E condenei-o eu sobre a fé vossa!
Cruel! pensais assim merecer desculpa?...

FEDRA

São caros os instantes; escutai-me.
Fui eu quem, sobre um filho casto e humilde,
Lancei vista profana, incestuosa.
Pôs em meu seio o céu chama funesta.
Tudo o mais dirigiu malvada Enone.
Temeu, que meu furor sabendo Hipólito,
Amor, que lhe era horrível, descobrisse.
Meu desfalecimento aproveitando
A pérfida, apressou-se a criminá-lo.
Já se puniu; fugindo minhas iras,
Nas ondas procurou suplício leve.
Já meus dias o ferro terminara:
Mas gemia a virtude suspeitosa.
Quis, para vos expor os meus remorsos,
Ao Cocito descer mais lentamente.
Eu tomei, e já corre em minhas veias
Veneno, que Medéia trouxe a Atenas.
Tendo em meu coração já penetrado,
Desconhecido gelo infunde nele.
Já por entre uma nuvem só diviso,
Céu e esposo, que ultrajo em estar presente;
E a morte, aos olhos meus a luz roubando,
Torna a pureza ao dia que manchavam.

PANOPE

Ela expira, senhor!

TESEU

Da enorme culpa,
Que não pode expirar nela a memória!
Vamos, ah! bem ciente do meu erro,
Do caro filho ao sangue unir meu pranto.
Vamos dele abraçar o que inda existe,

Expiar o furor dum voto horrível.
Tributemos-lhe as honras merecidas;
E para aplacar seus manes irritados,
Apesar das facções da iníqua estirpe,
Sua amante infeliz hoje perfilho.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com